

Os Almanques da cidade de Amparo e sua potencialidade como documentos portadores de memórias e histórias, educação e barbárie

BRUNO FELIPPE VIEIRA¹

A partir da segunda metade do século XIX, o município de Amparo, no interior de São Paulo, distante cerca de setenta quilômetros de Campinas e por volta de cento e quarenta da capital paulista, deu início à confecção de um tipo de publicação impressa, diferente daquelas mais largamente difundidas no imaginário coletivo – o jornal e do livro – que ficaria conhecida como “Almanaks” ou “Almanachs”, nas grafias próprias da época. Apesar de ter-se revelado na cidade uma publicação peculiar, resalto a informação de que os almanques não se constituíram em publicação exclusiva do contexto de Amparo, nem tampouco tivera esta cidade, o estatuto de espaço privilegiado para a emergência primeira desta publicação. No trabalho de Maria Carolina Bovério Galzerani, hoje diretora do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas, verbalizado na sua tese de doutoramento de 1998, sobre os “Almanaks” campineiros dos anos de 1870 a 1880, a professora afirma a presença de um tipo de publicação nomeada de “Almanach”, no árabe ocidental, desde o século XIII. A seguir, colocar-se-ia a narrar a pluralidade de significados partidos da palavra mesmo “Almanaque”, flagrados no seu estudo como indícios das diferentes concepções e tradições presentes numa determinada publicação, agora eleita novamente, objeto de um estudo: “livro de cálculos”; “cálculos para a memória”; “que indica os climas”; “efemérides”; “registro dos movimentos do Sol e da Lua”; “obra do solitário”. (1998, p. 47).

No Brasil, percebe-se a existência de Almanques desde os últimos momentos do período colonial e, sobretudo, a partir da chegada da corte portuguesa, com seu aparato técnico cultural. Como tendência cultural, prevaleceu a publicação de almanques voltados à idéia de um cálculo, um registro escrito daquilo que o olhar de seu elaborador ou de seus colaboradores eram capazes de recolher; ou das informações que, ao longo de determinada periodização – geralmente agrupadas na unidade medida “Ano” – e sobre determinada temática, elegiam como recorte para sua compilação,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Agência Financiadora: CAPES.

fazendo marcar sua identidade como almanaque administrativo, histórico, industrial, eclesiástico, comercial. O espaço a partir de onde se observa e se compila estas informações é ou está diretamente relacionado ao universo citadino. É na cidade que se estabelecem as relações sociais a serem objetos de um produto cultural – pois que os almanaques pertencem à lógica do sistema capitalista e configuram-se como mercadorias para o consumo – que elenca, por exemplo, o número de seus moradores, autoridades – civis e eclesiásticas –, profissões, cargos ocupados na municipalidade; além do número e do gênero dos estabelecimentos comerciais que chegaram a ocupar páginas inteiras com suas propagandas; instituições educacionais e assistenciais, associações culturais. No entanto, para além do discurso declarado do que se convencionou chamar de “anuários estatísticos”, os almanaques, agora já me referindo àqueles de Amparo, configuraram-se como publicações portadores de discursos velados tramados na cidade e sobre a cidade; revelador de vozes não somente daqueles que diretamente estariam envolvidos na sua confecção, mas de outros com quem os editores se relacionavam, ultrapassando por vezes, o universo letrado dos personagens da imprensa local. Através dos discursos contidos nos almanaques, é possível perceber as relações do sujeito que escreve com a cidade que lhe é objeto, relações estas, atravessadas por racionalidades, mas também por sensibilidades; conscientes e não conscientes; todas evidentemente forjadas dentro das relações sociais – portanto, coletivas –, no tempo e no espaço ou como preferirem, no seu contexto. E o contexto amparense daquele final de século é o da ascensão econômica do café como atividade produtiva que colocaria Amparo, na segunda posição entre os municípios que mais exportavam no Estado (GODOY, 1888, p. 124) e que alavancou o desenvolvimento material da cidade, tornando-se manifesto, por exemplo, na construção do ramal de Amparo da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em 1875; no calçamento das ruas; na instalação de um sistema de iluminação pública, dos primeiros no Estado; na construção de um sistema de distribuição de água e coleta de esgoto domiciliar; nas estatísticas de entradas e saídas de malotes do Correio que dada à intensidade das trocas, levou particulares a pagar o estafeta, para acelerar as trocas; na venda de bilhetes de trem para Amparo que chegou a ser, segundo os almanaques, o ramal mais procurado e o que mais rendera lucros à Companhia num certo momento; na construção de prédios públicos – financiados em sua grande maioria, pela iniciativa particular – e privados,

seguindo os modelos da bela arte, “sólida, sem um defeito” (GODOY, 1888, p. 135) e adotando linhas arquitetônicas inspiradas, sobretudo, no modelo português de construção, que refletem o gosto pela cultura clássica, de herança greco-romana, nas palavras de um historiador da cidade (LIMA, 1998).

Culturalmente, pelos almanaques, escapa aos poros da sua escrita, a sensação de que a cidade não somente acompanha o ritmo das transformações do sistema capitalista, como se coloca na linha de frente destas transformações, absorvendo antes do que outras cidades, o *novo*, e valorizando-o em detrimento daquele a quem este vem substituir, o *velho*. Sob termos como “progresso” e “moderno”, os almanaques expressam visões de mundo e sensibilidades de sujeitos seduzidos pelos encantos do que intitulo de *modernidade*, movimento que não se faz sem a relação com o sistema capitalista.

Assim, das maneiras mais sutis, os almanaques constituem-se como objetos culturais capazes de relacionar-se às experiências de outros sujeitos moldando-as, por um processo que aprendo com o historiador alemão naturalizado estadunidense Peter Gay, de *educação dos sentidos* (1998) que participarão na elaboração de uma imagem, agora coletiva e difundida para classes mais plurais, da cidade. Neste sentido, podemos afirmar que os almanaques de Amparo comportam-se, *de alguma forma*, dentro de um contexto histórico de aceleração do ritmo de desenvolvimento do sistema capitalista que, sob os auspícios da atividade agrário-exportadora, provoca nos sujeitos, entusiasmos pela novidade e esperanças de um futuro pleno em satisfação. Disse “de alguma forma”, pois guardo o entendimento de que esta documentação não está *colocada* simplesmente dentro de um compartimento conceitual que lhe dá forma e condiciona seus movimentos, mas que a entende sim, como capaz de estabelecer correspondências com outros documentos, de outros lugares e momentos históricos sem, contudo, deixar de comportar-se na sua condição de documento único dentro das suas relações.

Elaborada esta primeira sensibilização ao tema, parto para uma segunda aproximação, quer seja, aquela destinada a compartilhar com o leitor das histórias dos almanaques. Flagro em Amparo o que chamo de dois movimentos na publicação de almanaques, a partir da segunda metade do século XIX: um primeiro, de um único “Almanak”, organizado e publicado por Francisco D’Assis Santos Prado em 1871; e um segundo, de

dezesseis “Almanachs”, confeccionados por Jorge Pires de Godoy durante trinta anos (entre 1888 e 1918), certo que não de maneira ininterrupta.

O primeiro almanaque publicado *sobre a cidade* (1871) foi também a primeira publicação *da cidade* que só viriam a contar com outra publicação impressa – um jornal de feições republicanas – em 1873. Também por isso, leio a iniciativa como mais um indicativo da importância desta publicação específica no contexto de uma cidade ainda politicamente monárquica, constituída socialmente por classes agrárias economicamente abastadas pelo momento cafeeiro no interior paulista; por comerciantes e prestadores de serviços; e pela participação de escravos, na condição de mão-de-obra fundamental à movimentação do sistema de exploração capitalista e que chegou a representar dois terços da população do município.² O “Almanak” organizado por Francisco D’Assis Santos Prado, o mesmo Assis Prado dono da botica à Rua do Rosário, onde vende “aceio, brevidade, exatidão e modicidade” (PRADO, 1871, p. 49), traz elementos que permitem sugerir uma publicação com objetivos republicanos, destinada à instrução da população para a superação do regime de Dom Pedro II, contrário às liberdades individuais. O imperador seria inclusive alvo das provocações de Assis Prado, quando da sua estada na cidade, em 1878. O editor do “Almanak do Amparo para 1872” lideraria a formação do primeiro “Club Republicano” local, se bem que ainda encontrasse dificuldades para aceitar por completo, a idéia abolicionista. Teria morrido escravocrata, segundo tradições orais transmitidas por famílias locais. Mas certamente se assim o fora, não teria morrido o mesmo escravocrata, sobretudo porque a circulação de idéias – inclusive dentro da sua própria botica –; a participação ativa no movimento republicano local que o teria levado a participar como representante de Amparo na Convenção de Itu de 1873; e a relação com os amigos José Maria Lisboa, de quem venderia os almanaques campineiros no seu estabelecimento comercial e Bernardino José de Campos Junior, futuro “Presidente da Província”, há época advogado recém-formado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e morador em Amparo, à Rua Direita, n. 4, no largo da Matriz Nova, ainda em construção.

² Quando me refiro a Amparo na condição de “Município”, estou adotando uma classificação própria aos almanaques que utilizam este termo no desejo de quere incluir os “bairros” mais distantes à “Cidade”. Assim, quando me refiro ao Município, estou compreendendo a Cidade e as localidades vizinhas que quando da elevação de Amparo à categoria de Capela Curada, Freguezia, Vila, Cidade e Comarca estiveram circunscritas à sua administração civil ou eclesiástica. Ao me referir à Cidade quero dizer, como os almanaques, o núcleo urbano de Amparo.

Lisboa havia convidado Assis Prado a fazer participar do seu segundo “livrinho” campineiro, as estatísticas do município de Amparo, pelas relações de toda ordem que uniam seus organizadores, mas também porque Campinas e Amparo, no final do século XIX, representavam “[...] dous grandiosos núcleos de riqueza agrícola” (LISBOA, 1871, p. 5).

Os tempos de prosperidade material, sob a égide do sistema capitalista; as relações culturais com as idéias revolucionárias francesas; e as tentativas de superação do regime monárquico nacional que, sob as lentes da liberdade, igualdade e fraternidades, era percebido como um impedimento à livre iniciativa do indivíduo, farão do então “livrinho”, considerado por vezes, literatura menor, um importante instrumento político na educação das sensibilidades. Guardarão um desejo revolucionário através da instrução das classes menos favorecidas dentro das relações capitalistas; promoverão tentativas de reinvenção da história local, afastando a História de Amparo das tradições da origem religiosa e fazendo-a assentar-se sobre as bases de uma origem profana, nascida no trabalho, pela livre e esforçada iniciativa humana, na exploração das potencialidades naturais da cidade. Estes discursos, frequentemente associados a concepções liberais e burguesas, e permeados, neste caso, por representações de progresso e de modernidade, aparecem indissociáveis da lógica do sistema econômico capitalista.

No que nomeio como segundo movimento da confecção de almanaques em Amparo, compartilho com o leitor da história de um jornalista, Jorge Pires de Godoy, nascido e criado na cidade, “incansável” organizador de *dezesseis* almanaques sobre a cidade que como mercadoria a serviço das relações econômicas, no entanto, não tinham muito apoio do público comprador. O “homem de letras”, “poeta”, “apaixonado escritor” – segundo seus contemporâneos – Jorge Pires não se cansará de afirmar a cada nova publicação, sua motivação para mais outra: o amor à cidade que lhe foi berço. Filho de um proprietário de terras e importante figura política na cidade que se diz, teria o renegado, Jorge Pires terá poucas posses e será criado durante boa parte de sua vida, pela mãe. Suas atitudes em favor dos órfãos – para quem chegou a manter uma instituição de caridade – ou daqueles desprovidos de bens materiais; além do fato de que seus escritos não eram comprados, participaram da constituição histórica de uma figura abnegada em Amparo, um pobre nos bolsos, mas rico nas idéias, na inspiração, na

inventividade. Quando suas publicações “encalhavam”, na denominação própria dos editores de periódicos e por vezes, mesmo antes de colocá-las à venda, fazia doações para instituições de caridade, de ensino ou a associações culturais, para que se possibilitassem leituras públicas, por classes mais plurais. Chegou usar-se dos seus espaços para defesa das classes trabalhadoras – chamará de “povo trabalhador” – contra a excessiva carga tributária que pesava sobre estas pessoas na cidade. Elementos que viriam a reforçar a idéia de ser aquela, um tipo de literatura menor. A tradição dos seus dezesseis almanaques sofrerá tentativas de apagamento quando na cidade publicam-se, já no século XX, almanaques históricos. No seu prefácio, serão chamados de *primeiros* do gênero na cidade (TURATTO, 1959).

Na correspondência com o almanaque de Assis Prado, flagro o sentimento de orgulho pela condição da cidade, que caminha para ser uma das mais importantes da província, alimentada pela produção cafeeira e transportada pelos trilhos da Companhia Mogiana. Os “almanachs” de Jorge Pires não deixarão de trazer estas marcas. E não deixará de revelar as ambivalências de um sujeito que também se ressentido dos desdobramentos do progresso, quando, por exemplo, sua própria casa é demolida para permitir o *livre* desenvolvimento do *novo* traçado urbano da Amparo *moderna*. Desta maneira e paulatinamente, seu “almanach” constituir-se-á numa publicação mais relacional com seu autor, com sua vida – na relação com sua cidade. As informações produzidas a cada ano para serem compartilhadas no “Almanach” não escaparão às marcas do seu organizador. Adquirem ares de denúncia, sátira, animosidade, expectativa, frustração, contentamento, sedução, perda. Condições humanas de alguém que parece valer-se da publicação como outra maneira de falar de si. E da cidade. É um “leitor” dela. Por vezes comporta-se como a figura de um *flâneur* na alegoria de Baudelaire. Vale-se de um pseudônimo para liberar sua língua para dizeres mais íntimos e provocadores. Mas sua inspiração é a cidade. Seu progresso lhe causa absoluta sedução, mas também decepção. As leituras destes Almanques causaram-me também, particular sedução. Em mergulhos diários de por volta de oito horas em pouco mais de dez dias, cheguei a imaginar-me acompanhando aquela publicação tal como um leitor de folhetim. Jorge Pires incentivava-me no seu comportamento romanesco, que não deixaria uma só vez, de publicar poesias, suas e de outros, ou de ocupar uma parte inteira com elas, numa seção específica dos “Almanachs”. Disponha do acesso a uma cópia dos Almanachs,

alocadas no acervo do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas, que não podia retirá-los para empréstimos. Assim, quando das leituras no Centro, os olhos sinalizavam o cansaço das horas acordado e do tempo debruçado quase numa mesma posição sobre a mesa, sentia que era hora de parar. Desejava levar para casa aquela vida e relê-la como um livro de cabeceira. Para que ela fizesse parte das minhas divagações noturnas antes do sono me apanhar. Porém, não era possível. Restava-me contentar com minhas anotações num caderno e aquilo que minha memória conseguia carregar. Não pude consultar os originais, indisponíveis no Centro à exceção de um, o “Almanach do Amparo para 1907”. Quanto aos outros, o carimbo em azul escuro logo nas primeiras páginas xerocopiadas não me deixariam esquecer que se tratava de cópias. Mas também não me deixariam de seduzir como vestígios do passado.

Parto deste segundo movimento narrado nesta breve narrativa, para a reflexão que me proponho a fazer. Trabalho com os Almanachs na perspectiva de documentos históricos, capazes de expressar racionalidades e sensibilidades. Apesar de publicação seriada que compreendeu quase meio século da história amparense, não a estudo dentro de uma concepção de tempo linear, sequencialmente, ano a ano, senão a partir de perguntas elaboradas no presente e que me estimulam ao mergulho no passado, entendendo-o como relação impossível de ser compreendida na sua integralidade. Portanto, não concordo com a idéia de um trabalho que se proponha ao *resgate* histórico. Por isso, proponho-me a flagrar instantes de imagens do passado da cidade nos almanaques no momento em que elas aparecem, saltando para diferentes temporalidades, na busca por estas representações. Estes pressupostos foram inspirados a partir das leituras e discussões públicas das obras do filósofo, crítico de arte e ensaísta alemão, Walter Benjamin. Nascido no final do século XIX em Berlim, Benjamin terá uma produção intelectual profundamente marcada pela sua história de vida. A começar por sua trajetória acadêmica, frustrada quando da não aceitação de sua tese de livre docência sobre a origem do drama barroco alemão na Universidade de Frankfurt. A relação, desde pequeno, tensa com o pai, um comerciante de tapetes, bem colocado dentro das relações capitalistas, mas que em certo momento, deixaria de lhe auxiliar financeiramente. Benjamin recorre ao amigo Theodor Adorno que lhe convida a colaborar com o então emergente Instituto de Pesquisas Sociais, que se tornaria a “Escola de Frankfurt”, produzindo artigos, resenhas, críticas em troca de alguma

remuneração financeira. É obrigado a deixar Berlim, por conta da descendência judaica de sua família em plena fragmentação da República de Weimar e ascensão do modelo nazista. Está em trânsito por diversos países da Europa: França, Itália, Dinamarca, Espanha. Talvez por isso, sua produção seja tão fragmentada, na forma de mônadas – a configuração predominantemente dos seus escritos. Mas talvez revelem escolhas conscientes de um sujeito contrário a práticas culturais que apagam os outros da narrativa; sujeito que se nega a uma produção que não faça sentido para si, e para o outro; sujeito disposto a entregar-se por inteiro aos seus escritos. É inspirado nesta concepção teórico-metodológica, radicalmente nova e que pretendo, seja duradoura, que parto para uma leitura possível dos Almanques da virada do século XIX como documentos de uma Ampero moderna; na busca por sujeitos que, mergulhados nos entusiasmos do progresso, revelam suas ambivalências: força e fragilidade; certezas e angustiantes dúvidas; entusiasmos e frustrações. É para esta leitura que convido o leitor a participar de uma produção coletiva de conhecimentos – históricos e porque não, educacionais – através da sua presença na discussão pública do trabalho.

Referências Bibliográficas

1. Referenciais teórico-metodológicos

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. Tradução Sergio Paulo Rouanet ; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

_____. **Rua de mão única**. 5.ed. Tradução Ruens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas, v. 2).

_____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa; Hermerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3)

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998. 341p. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

2. Trabalhos sobre Amparo

LIMA, Roberto Pastana Teixeira. **A cidade racional: Amparo: um projeto urbanístico do “oitocentos”**. Amparo: Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral; Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

TURATTO, Paschoal Roberto. **Apontamentos para a História de Amparo**. [Amparo], [s.n.], 1959. 5v.

3. Fontes Primárias

GODOY, Jorge Pires de. **Almanach da Comarca do Amparo para 1889**. Compreendendo os municípios do Amparo, Socorro e Serra Negra. Campinas: Typographia Livro Azul, 1888.

_____. **Almanach da Comarca do Amparo para 1891**. 2º ano. Compreendendo os municípios do Amparo e Serra Negra. Campinas: Typographia a vapor do Livro Azul, 1890.

_____. **Almanach do Amparo para 1892**. 3º ano. Amparo: Typographia da Cidade do Amparo, 1891.

_____. **Almanach do Amparo para 1893**. Contendo os municípios de Amparo, Serra Negra, Socorro e Freguezia da Conceição da Barra Mansa. Amparo: Typographia do Diário de Amparo, 1892.

_____. **Almanach do Amparo para 1894**. Amparo: Typographia Popular, 1894.

_____. **Almanach do Amparo para 1895**: compreendendo o município de Socorro. Campinas: Typographia Cardona, 1894.

_____. **Almanach do Amparo para 1896**. 7º ano de publicação. Amparo: Typographia da Gazeta do Amparo, 1896.

_____. **Almanach do Amparo para 1901**: contendo informações sobre os municípios do Amparo, Socorro, Serra Negra e Pedreira, bem como uma escolhida e variada parte litteraria, etc. 8º ano de publicação. Amparo: Typographia e Papelaria Popular Casa Edictora, 1900.

_____. **Almanach do Amparo para 1902**: contendo indicações sobre as cidades do Amparo, Socorro, Serra Negra, Mogy-Mirim, Itapita e Espirito Santo do Pinhal; villas de Pedreira e Mogy-Guassú e a Freguezia de Monte Alegre, além de uma escolhida e variada parte literária, etc. 9º ano de publicação. Campinas: Typographia a vapor “Livro Azul”, 1902.

_____. **Almanach do Amparo para 1903:** contendo informações sobre a cidade do Amparo, Bragança, Socorro, Itatiba, Serra Negra, Atibaia, Villa de Pedreira, Districtos de Barra Mansa e Monte Alegre. 10º anno de publicação. Campinas: Typographia Livro Azul, 1903.

_____. **Almanach do Amparo para 1905:** contendo informações sobre as cidades do Amparo, Socorro, Serra Negra, Villa de Pedreira e Freguezia de Monte Alegre. 11º anno de sua publicação. Amparo: Ao Pindorama, 1905.

_____. **Almanach do Amparo para 1907:** contendo informações sobre as cidades do Amparo, Socorro, Serra Negra, Campinas, Jundiahy, Villa de Pedreira, Freguesia de Monte Alegre e districto da paz de Entre-Montes. 12º anno de publicação. Amparo: Ao Pindorama, 1907.

_____. **Almanach do Amparo para 1909:** contendo informações sobre a cidade do Amparo, Socorro, Serra Negra, Itatiba, Pedreira e Freguesias de Monte Alegre e Barra Mansa. 13º anno de publicação. Amparo: Ao pindorama, 1908.

_____. **Almanach do Amparo para 1912:** contendo informações sobre cerca de 25 municípios de Estado de São Paulo e alguns de Minas. 14º anno de publicação. Campinas: Typographia Casa Mascotte, 1911.

_____. **Almanach do Amparo para 1914:** contendo informações sobre cerca de 60 localidades de São Paulo e seis de Minas, além de selecta parte literária. 15º anno de publicação. Campinas: Typographia Casa Mascotte, 1913.

_____. **Almanach do Amparo para 1918.** 16º anno de publicação. Contém este livro informações obre municípios e cerca de 20 districtos dos Estados de São Paulo, Minas Geraes e Goyas. Amparo: Casa Pindorama, 1918.

LISBOA, José Maria; PRADO, Francisco D'Assis Santos. **Almanaks do Amparo e Campinas para 1872.** Campinas; Typographia da Gazeta de Campinas, 1871.